

XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2015.

Migração e trabalhadores na fronteira Brasil-Paraguai entre 1960 e 2015.

Cíntia Fiorotti.

Cita:

Cíntia Fiorotti (2015). *Migração e trabalhadores na fronteira Brasil-Paraguai entre 1960 e 2015*. XI Jornadas de Sociología. Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-061/1087>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Migrações, trabalhadores e mercado na fronteira Brasil-Paraguai.¹

Cíntia Fiorotti

Doutoranda em História pela UFU-MG/BR. Professora de história na educação básica pública SEED-PR/BR. Graduada e mestre em história pela UNIOESTE-PR/BR. E-mail: cintiafiorotti@hotmail.com

Resumo: Neste estudo analisamos os impactos do crescimento comercial e de trabalhadores brasileiros que têm se deslocado diariamente de Guaíra/PR e Mundo Novo/MS para Salto del Guairá/PY a fim de trabalharem como vendedores em lojas, bem como em outras atividades ligadas ao transporte e à comercialização de mercadorias entre um país e outro. O objetivo deste estudo é entender a partir das próprias experiências e interpretações destes trabalhadores envolvidos no comércio e transporte de mercadorias como eles lidam com os conflitos e se relacionam com os sujeitos e os lugares onde vivem e trabalham. Pretendemos compreender a forma como a população de Salto del Guairá/PY interpreta e lida com a presença de trabalhadores oriundos do Brasil e quais são as relações que são construídas entre trabalhadores com experiências e culturas específicas de cada lugar. Entre as fontes utilizadas, estão entrevistas com vendedores de lojas e ambulantes, proprietários de lojas e jornais.

Palavras chaves: migração; comércio, cidade; nacionalidade; vendedores.

Introdução:

Nas entrevistas com os vendedores em lojas e ambulantes em Salto del Guairá-PY e com os atravessadores de mercadorias na fronteira entre este município e as cidades brasileiras Guaíra e Mundo Novo, emergiram referências a conflitos em torno da concorrência entre os trabalhadores de nacionalidades diferentes e também entre os proprietários de lojas. Tais conflitos foram expressos quando descreviam sobre as condições vividas em suas ocupações e as dificuldades enfrentadas ao buscarem nessa fronteira formas de sobrevivência.

Ao se propor a compreender estes conflitos, analisamos como a relação estabelecida pelos trabalhadores com a nacionalidade, amarram-se também com as próprias relações de mercado estabelecidas nesta fronteira. Estas relações não são harmônicas. Entra em disputa, por exemplo, um projeto de cidade pensado por parte do empresariado local junto ao poder público municipal e a presença de trabalhadores de diferentes nacionalidades buscando sobrevivência neste lugar. Ainda, há os conflitos entre uma parcela dos empresários locais de Salto del Guaíra e investidores oriundos de outros países com diferentes expectativas com relação ao trabalho nesta fronteira.²

¹ Este texto é resultado parcial de uma pesquisa de doutorado em andamento pela linha de pesquisa "Trabalho e Movimentos Sociais", do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia-UFU. Este é um primeiro esboço da reflexão pretendida sobre o tema proposto no texto. Todos os nomes dos entrevistados foram substituídos por pseudônimos.

² Nem todo empresariado local de Salto del Guairá (proprietários de lojas tanto de nacionalidade paraguaia quanto brasileira que residem ou residiram em Salto del Guairá e atuam desde 1970, 1980 e 1990 no comércio de produtos importados), possuem as mesmas expectativas sobre o projeto de cidade direcionado ao turismo comercial.

1. Mercado e trabalhadores envolvidos no comércio de importados na fronteira Guairá-PR/BR, Mundo Novo-MS/Br e Salto del Guairá-Py.

Para entender sobre qual a importância da relação de mercado nos conflitos que emergem nas relações sociais vividas cotidianamente pelos trabalhadores, recuperamos um pouco o desenho de como este mercado se configura nesta cidade fronteiriça. Também, trata-se de compreender as diferenças entre a fronteira almejada por parte deste empresariado local e do poder público municipal de Salto del Guairá e as relações sociais vividas pelos trabalhadores neste lugar. Uma das fontes utilizadas para estudar isto, são algumas matérias veiculadas na imprensa no final da década de 1990 a 2010, além de entrevistas com proprietários de lojas e com trabalhadores envolvidos como vendedores ou ambulantes em Salto del Guairá.

Em 2 de maio de 1997, o jornal O Paranzão, com circulação entre as três cidades fronteiriças, trazia na página destinada as notícias de Salto del Guairá a seguinte matéria:

Salto del Guairá a melhor opção de compras. O progresso ao olho nu.

Salto del Guairá, transformado num grande atrativo para investidores, não só do Brasil mas também dos cinco continentes. [...] Salto del Guairá-PY, Guairá-Pr e Mundo Novo-MS, fazem uma trilogia com miras no futuro, nesta paragem de compras e ecologia, elas, fazem florescer uma mistura sem precedentes de fascínio para os turistas. A união espiritual destas três cidades ligadas pela solidariedade farão desta, um povo só que luta por ser reconhecido pelo que vale. A coragem de sobreviver fez que Salto del Guairá seja o destino de comprar mais procurado pelos amantes do melhor. Por isso, novos prédios estão-se construindo espalhados pela pequena cidade, mas não são só as compras que fazem de Salto del Guairá uma promessa de boas compras. É o calor humano que impregna cada negociação, a segurança, a hospitalidade do povo paraguaio que está atento em agradar o visitante.³

A tentativa de construção de uma vocação turística para o comércio de mercadorias importadas é redesenhada para Salto del Guairá, principalmente, na década de 1990, período posterior a formação do Lago de Itaipu. Entre os anos de 1970 a 1980, a vocação turística atribuída à cidade voltava-se para o turismo de contemplação a *Salto Siete Quedas*.

³ Diretor responsável: Ademir Brito dos Santos. Jornal O Paranzão, 2 de maio de 1997. A produção da matéria está em português, mas apresenta alguns termos em espanhol. Existe a possibilidade dela ter sido escrita em espanhol e traduzida para o português.

Consequentemente, associava-se a este transito de visitantes oriundos tanto do Paraguai quanto do Brasil, as compras ao comércio de mercadorias nacionais e importadas.⁴

Embora, nas décadas de 1970 e 1980 a cidade apresentasse a mobilização deste turismo de contemplação e de comércio de mercadorias importadas, sua economia concentrava-se na presença de serrarias, extração de madeiras, palmito e na monocultura da soja, principalmente por brasileiros. Desta forma, "*coragem de sobreviver*" e "*solidariedade*" são recursos usados na tentativa de manutenção do comércio nos anos seguintes ao final da década de 1980, onde há redução do fluxo de consumidores nas lojas de importados da cidade. Já "*segurança*" e "*hospitalidade*", significou desde 1990 as tentativas de elaboração de um suposto diferencial a cidade, quando o país já tem como referência de centro de compras de produtos importados Ciudad del Este.⁵

O planejamento para Salto del Guairá voltado para o turismo comercial, ganhou diferentes sentidos quando junto a este projeto também entrou em disputa o mercado em torno da venda de produtos importados. Na década de 1970 e 1980, haviam poucas lojas de venda de produtos importados em Salto del Guairá. Estes organizavam-se com o abastecimento de mercadorias vindas de importadoras que já dominavam o mercado em Ciudad del Este. Como já mencionado, muitos destes comerciantes abasteciam-se, também, com a compra de mercadorias de lojas em Ciudad del Este e em Asunción.⁶

A entrevista realizada com uma proprietária de loja de nacionalidade brasileira que reside e tem comércio em Salto del Guairá desde a década de 1960, (tendo já comercializado alimentos, tecidos, eletrônicos e ferramentas), expressa um pouco como este empresariado local percebeu parte destas mudanças:

[...] Antes estoque não existia. Era só pra ter o teu produto e vender para algumas pessoas. Não fazem muito tempo que foi descoberto Salto, acho que fazem uns 8 ou 10 anos por aí.

Filho: Faz mais, uns 15 anos.

⁴ São referências a isto as entrevistas com proprietários de lojas em Salto del Guairá como a entrevista Maria Lúcia, 70 anos, nacionalidade paraguaia, e as obras de memorialistas, tais como a professora SOTO, Fernanda Feiliú. Canindeyu-Zona Alta. **Los Brasiguayos**. Asunción: Imprenta LEO S.R.L. 2004, ISBN 99925-60-22-3.

⁵ As propagandas são voltadas para o público consumidor oriundo do Paraná, são trazidas as localizações da avenida principal de Salto del Guairá, das lojas patrocinadoras e de alguns pontos de referência de órgão públicos e privados desta cidade e de Guaíra. Em 1997, ano da inauguração de um dos primeiros shoppings em Salto del Guairá, os comerciantes e o mercado imobiliário local previam o crescimento urbano e comercial da cidade no sentido da fronteira com Mundo Novo-Ms. Isto, devido a construção da ponte Ayrton Senna que liga os dois estados brasileiros Paraná e Mato Grosso do Sul.

⁶ Isto é expreso nas entrevistas com os proprietários de lojas, Edu, 50 anos e Rosa, 70 anos, ambos de nacionalidade paraguaia, residentes em Salto del Guairá. Entrevistas gravada em outubro de 2013 em Salto del Guairá. Falas traduzidas durante a transcrição da gravação.

Mãe: Que foi descoberto mesmo não, com os árabes. Porque não fazem muitos anos que foi descoberto Salto, que entrou os árabes.

Filho: Foi a partir de 2000 pra frente, na copa de 1998 começou a chegar gente com loja. Naquela época a gente vendia tecido e eletrônicos e o pai voltou com a barbearia. Tava em crise até 2005, nós ficamos passando fome [...] Ferramentas foi em 2005.⁷

Maria Cleuza e sua família como imigrantes brasileiros, experimentaram melhoras financeiras em suas vidas quando houve condições econômicas favoráveis para exploração do turismo comercial em Salto del Guairá. Já a mudança percebida no padrão de vida da família em conjunto a mudança do tipo de mercadoria comercializada na loja esteve associada a dois momentos. Primeiro onde houve expansão comercial da cidade com a abertura de novas lojas, principalmente, por empresários brasileiros.⁸ Já o segundo momento é marcado pela presença de muitos investidores estrangeiros como, libaneses e chineses, sendo que grande parte deles já possuíam mercado em Ciudad del Este.⁹

A entrada de outro perfil de investidores, tendo "*descoberto Salto*", marcou tanto o declínio como a ascensão econômica de Maria Cleuza e sua família. Sobre isto, a chegada a Salto del Guairá de investidores oriundos de outros países e/ou com mercado já estabelecido em Ciudad del Este, trouxe para pequenos comerciantes maior fluxo de consumidores na medida em que melhorou a estrutura para os consumidores. Posteriormente, estes trouxeram para parte do empresariado local a necessidade de reorganizar o comércio para manterem-se no mercado. Isto ocorreu quando não conseguiram concorrer com os preços destes investidores de maior porte e com o aumento significativo de pequenas lojas oferecendo praticamente os mesmos tipos de mercadorias.

No caso de Salto del Guairá, as décadas de 1990 a 2000, ainda eram marcadas por um mercado onde poucas importadoras controlavam a entrada e os valores dos produtos a serem comercializados. Estas, localizadas em Ciudad del Este, estavam muitas vezes, vinculadas às

⁷ Maria Cleuza, 73 anos, nacionalidade brasileira e residente em Salto del Guairá e em Mundo Novo. Fala da entrevistada traduzida em alguns momentos durante a transcrição da gravação, pois alguns termos eram utilizados em espanhol. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá pela autora em conjunto à Eric G. Cardin.

⁸ Por exemplo, a loja Bless import de proprietários brasileiros tendo uma loja inaugurada em 1997 e outra em 2010. Já o Shopping China, possui proprietários de nacionalidade Paraguai, inaugurado em Salto del Guairá em 2006, decorrente de uma empresa grande de Pedro Juan Caballero iniciada em 1933 que também se expandiu em 2006 para outros países na América do Sul como Bolívia e Uruguai.

⁹ São exemplos, o Shopping América e o Shopping Mercosur. O primeiro foi inaugurado em 2008, com investimento de chineses e sul coreanos que já possuíam mercado em Ciudad del Este. O segundo, inaugurado em 2013, com investidores de origem libanesa, grupo Colise, que também já possuíam negócios em Ciudad del Este. Já o Shopping China, possui proprietários de nacionalidade Paraguai, inaugurado em Salto del Guairá em 2006, é decorrente de uma empresa grande de Pedro Juan Caballero iniciada em 1933 que também se expandiu em 2006 para outros países na América do Sul como Bolívia e Uruguai.

associações de empresários com vínculos relacionados ao tipo de mercadoria vendida e à nacionalidade. Neste último caso, ocorria a exclusividade do acesso de alguns benefícios apenas aos que estavam vinculados a estas associações.

Na última década, este controle ainda continua presente para a maioria das mercadorias que chegam as lojas em Salto de Guairá. São poucas as empresas que conseguem adentrar este meio, conseguindo comprar direto de importadoras, ou mesmo, realizar acordos com importadoras ou com associações para terem melhores margens de lucros na compra e venda de produtos importados.

Com a expansão comercial da cidade, houve uma parcela do empresariado local que conseguiu se reorganizar economicamente para concorrer com os investidores de maior potencial econômico. Por exemplo, as empresas que conseguiram abrir seu capital.¹⁰ Também, ainda há pequenos comerciantes em Salto del Guairá que não conseguem comprar de importadoras as mercadorias ofertadas por eles em suas lojas, buscando as mesmas, por exemplo, em distribuidoras intermediárias, comprando de lojas em Ciudad del Este ou em outras cidades de ambos os países.

Em meio a este cenário, apenas grandes empresas dominam o mercado de importação exclusiva de algumas mercadorias para Salto del Guairá. Sobre isto, alguns vendedores relataram como suas comissões oscilavam de acordo com o controle desta circulação de mercadorias:

As mercadorias que são de importadoras locais você vai ganhar 0,3%, e tem muita importação que é deles mesmo. Nestas mercadorias, você vai ganhar 5% a 7%. A diferença, é que nem, o Jhonnie Walker, é uma marca que tem uma importadora que é só eles que trazem no Paraguai. A importação da loja, eles tem uma importadora, tendo marcas que são só eles que trazem. Eles tem os esquemas deles, de trazer mercadorias que são exclusivas de importadoras locais, mas eles conseguem trazer. Mas pra te incentivar a vender mercadoria deles, importada por eles, te pagam mais comissão. Por exemplo, se eu vendo uma caixa de Jhonnie Walker e eu vender uma garrafa de uma bebida importada por eles, eu ganho mais na venda de esta uma garrafa. O incentivo é pra vender as mercadorias deles.¹¹

Ao descrever como sua renda é composta, Dario chama atenção para seu conhecimento sobre como o controle da circulação de mercadorias em Salto del Guairá por

¹⁰ Uma destas lojas é Queen Anne, iniciada em 1970, como Comercial Salto del Guairá, continuou com os filhos dos primeiros proprietários em 1978, chamando-se Casa Queen Anne, passando a sociedade anônima em 2000 como Queen Anne S.A.

¹¹ Dario, 26 anos, natural de Guaíra. Trabalha há 10 anos em lojas no comércio em Salto del Guairá-Paraguai. Já realizou o trabalho de laranja.

grandes empresas passa por relações formais com as importadoras até os meios informais, "esquemas". Valoriza o conhecimento adquirido em seu cotidiano de trabalho para justificar como a empresa onde trabalhava conseguia oferecer ao vendedor uma renda maior que as demais lojas em Salto del Guairá.

Quem controla o acesso a entrada e distribuição das mercadorias aos lojistas em Salto del Guairá, controla também a garantia de um melhor posicionamento neste mercado de vendas de produtos importados. Isto é um dos mecanismos usados para tentar controlar o preço de revenda que outras lojas concorrentes também oferecem. Tão importante quanto conseguir o monopólio da importação e distribuição das mercadorias é conseguir articular meios informais de concorrer com a vendas das mercadorias que tem sua importação controlada por outras empresas. Para além disso, como já citado anteriormente, estas empresas possuem mecanismos de vendas e transporte, entregando diretamente as mercadorias no Brasil sem passar pelo balcão da loja e muito menos pela regularização da exportação e importação entre os dois países.

Como o controle do mercado de importação de produtos de alta rotatividade, tais como, informática, eletrônicos e bebidas está nas mãos de grupos de grandes investidores, tendo a maioria deles organizados em associações, outras empresas locais de Salto del Guairá com capital necessário para firmar acordos de importação buscam oferecer mercadorias diferenciadas. Por exemplo, a referência feita por uma das empresárias entrevistadas "[...] Hoje ela, é a única importadora de tapetes direto da China, ela foi pra lá e negociou, importadora de tapete, flores e vasos chineses, ela é a importadora. Igual a dona Ivanilde, ela tem uma marca, uma qualidade de bolsa que é a única que importa."¹²

O controle da entrada e distribuição das mercadorias importadas ao Paraguai que chegam a Salto del Guairá por parte de grandes capitalistas, terá impacto sobre as pequenas lojas exclusas dos mesmos benefícios obtidos por eles.

Uma das vendedoras entrevistadas, Morena¹³, destacou como a entrada ilegal de produtos importados do Brasil para o Paraguai é uma prática comum entre os proprietários de lojas. As lojas menores recorrem a vendas de algumas mercadorias oriundas do Brasil, não comuns nas prateleiras das grandes lojas, como forma de tentarem se manter no mercado oferecendo produtos diferenciado das demais lojas de importados.

¹² Nara, 73 anos, nacionalidade brasileira, residente em Guaíra-PR, proprietária de loja em Salto del Guairá e em Guaíra. Entrevista gravada em agosto de 2013.

¹³ Morena, 22 anos, nacionalidade brasileira e residente em Guaíra. Entrevista gravada em maio de 2012. No período da entrevista a trabalhadora havia parado de trabalhar no Paraguai por volta de 4 meses. Já estava trabalhando em um Pet Shop em Guaíra e pode me receber em sua casa em um feriado.

No caso da origem das bolsas brasileiras, estas são fabricadas por mão de obra boliviana em São Paulo e vendidas por um valor considerado baixo. Comprar estas bolsas não é uma atividade tão simples de ser feita. Há redes de contatos e limites mínimos de mercadorias a serem consumidas. Ainda entra o interesse do sacoleiro em adquirir outros bens com o deslocamento até o Paraguai.

Entre os pequenos proprietários de lojas brasileiros, muitos abrem pontos comerciais em Salto del Guairá e agem informalmente na compra e revenda de muitas das mercadorias oferecidas. Ao descrever como a loja onde trabalhava adquiria as mercadorias, Morena faz referência ao trabalho, tanto da proprietária da loja como dos vendedores cotistas, trazendo em pequenas quantidades mercadorias não regulamentadas do Brasil para o Paraguai. A mesma estratégia usada para transportar diariamente mercadorias não regulamentadas, mas dentro das cotas, do Paraguai para o Brasil, são utilizadas nesta transação sentido contrário.

A circulação destas mercadorias e o transito de pessoas não acontecem somente em sentido a um país. Na imprensa local pesquisada é quase unânime as matérias com denúncias sobre apreensão de contrabando de mercadorias industrializadas e vestuário no sentido Paraguai - Brasil. Não há tanto interesse por parte do Estado brasileiro em fiscalizar isto, pois os carros sentido Brasil - Paraguai praticamente não são parados pela atuação da aduana brasileira localizada nesta fronteira. A fiscalização é visível no controle da saída em caminhões de produtos in natura com destino ao Paraguai. Como região com alta produção agrícola, as cobranças dos impostos sobre a exportação são consideradas relevantes pelo Estado.

Ainda, estas lojas de porte menores, concentram-se em atender não apenas ao público consumidor oriundo do Brasil, mas também a consumidores que vivem no Paraguai. Por exemplo, quando uma vendedora afirma: *"No centro tinha mais cliente paraguaio mesmo, só que pra você vender no centro pra paraguaio você tem que ter coisa brasileira. Eles não gostam de comprar a mercadoria deles, porque eles não gosta de usar igual."*¹⁴ Nesse sentido, o diferencial das mercadorias também torna-se um atrativo para estas lojas manterem-se com a concorrência deste mercado em Salto del Guairá.

Parte da parcela do empresariado local de Salto del Guairá não conseguiu manter as mesmas margens de lucros tidas anteriormente a década de 2000. Sem estrutura econômica

¹⁴ Vanessa Cristina de Brito, 24 anos, nacionalidade brasileira e residente no Paraguai. Entrevista gravada em julho de 2012.

para concorrer neste mercado, recorreram a mudança do tipo de mercadoria ofertada em suas lojas.¹⁵

Este também foi o caso de Maria Cleuza e o filho que passaram a comercializar ferramentas em 2005, reorganizando, atualmente, as marcas vendidas, as porcentagens dos lucros sobre a venda das mercadorias e os métodos de venda. Sobre isto, Maria Cleuza relatou:

[...] a gente depende quase só do turismo. O paraguaio num compra, quem compra são brasileiros. [...] Meu outro filho vende só pela internet, tem um site disponível e o cliente vem buscar. Com essa concorrência, tem muita loja, está ficando difícil de trabalhar, em Salto del Guairá agora tem mais de 50 lojas de ferramentas. Tem que ter preço, e você já num ganha na mercadoria se negociar. Por exemplo, meu vizinho, se chegar um cliente meu e eu não estiver aqui, tiver ido almoçar, ele diz ela já foi embora vem aqui que eu te atendo. Você tem que procurar ter mercadoria uns três ou quatro meses sem que o vizinho descubra a sua marca, entendeu? Aí você pode se manter com uma marca, um diferencial. [...] A margem de lucro é bem menor que tinha antes, se você colocar mais que os 10% a 20% em cima da mercadoria, você num consegue. Se você colocar 25% você nota que teu limite já caiu. Antes do ano de 2000 conseguia colocar 100%, e, assim, e o aluguel subiu muito aqui.¹⁶

O uso da internet e outras formas destes comerciantes se reorganizarem nas vendas também contribuiu para a mobilização de força de trabalho de "cotistas" ou laranjas, barqueiros e batedores no transporte destas mercadorias na fronteira entre Paraguai e Brasil. Além disso, as mudanças na forma de acumulação destas empresas geraram impactos na forma como proprietários de lojas irão se relacionar entre eles e, também, com os trabalhadores mobilizados no comércio.

No caso da empresária Maria Cleuza, ao descrever atualmente o comportamento de seus vizinhos comerciantes em Salto del Guairá, ela busca estabelecer um marco divisor entre a mudança nas relações vividas no passado e no presente. Assim, recorre a falta de solidariedade entre vizinhos, para indicar como as mudanças econômicas e sociais vividas nesta cidade fronteira, ressaltaram a concorrência e a distinção da nacionalidade entre seus pares. Em acordo com isto, Maria Cleuza descreve:

¹⁵ Por exemplo, a loja Infotec iniciada na década de 1970, reformulou o tipo de mercadorias comercializadas passando de uma loja que ofertava produtos artesanais nacionais e eletrodomésticos, para ofertar informática e outros eletrônicos, visando oferecer mercadorias que iam de encontro a procura por parte dos consumidores.

¹⁶ Maria Cleuza, 73 anos, nacionalidade brasileira e residente em Salto del Guairá e em Mundo Novo. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá pela autora em conjunto à Eric G. Cardin.

[...] Então lá no Brasil, meus filhos comiam carne, a gente chegou aqui e não tinha comida, tinha pouca coisa. Eles escutavam a criança chorar, ai mãe a gente quer carne. Tinha uma vizinha minha, a Reina e o seu Flores, esses, foram os que, ele tinha um açougue e eles traziam. Ela fazia aquelas bisteconas de carne com mandioca e traziam para as crianças, eles são muito bom. Os daqui né. Os veteranos de Salto del Guairá. Inclusive o meu marido foi homenageado como um dos veteranos. A turma de Salto del Guairá são muito solidário. Os que são estúpidos, que são racistas são esses que vem de São Pedro, de Ciudad del Estes, não de Ciudad del Este não são porque estes são fronteira também, os que são também são de Assunción. [...] Classe baixa mesmo, da classe média pra cima eles já são mais solidários. Agora o Paraguai, o paraguai mesmo o do mato, aqueles pé de chinelo, os *cuyarê*, do pé sujo que eles falam, esses são mais racistas. Agora os daqui não. A gente tem muitas amizades.[...] Os Paraguaei daqui gostavam de casar com brasileira. A minha filha chegou a ser rainha do clube nacional. A gente frequentava muito a sociedade, a gente fazia reunião nas casas. A gente era mais unido. Hoje não existe isso mais. [...] Outra coisa, a pessoa vai crescendo e se entrega mais a trabalhar e não tem mais tempo pra ter amizade. A gente fazia festas, bailes. [...] Até uns 15 a 18 anos atrás.¹⁷

A solidariedade e o convívio para o qual Maria Cleuza chama atenção, era desenhado dentro de um conjunto de situações diferentes das vividas atualmente por ela. A ascensão econômica por meio do comércio vivido pela família é lembrado como um tempo de "veteranos", onde as relações sociais entre seus pares dava-se de forma diferente da atual. O declínio desta condição experimentada por ela em conjunto as mudanças vividas com o processo de acumulação de capital nesta região, marcam uma diferença de comportamento entre os atuais comerciantes e trabalhadores com os quais ela se relaciona e disputa mercado. Não trata-se de dizer que anteriormente as desigualdades e os conflitos não estivessem presentes no cotidiano vivido por essas pessoas, mas de perceber que estes conflitos enfatizados hoje, são recuperados pela entrevistada para marcar parte das mudanças vividas.

Maria Cleuza, ao fazer referências ao outro, afirma a sua nacionalidade enquanto brasileira. Para ela, a população natural de Salto del Guairá e Ciudad del Este, são referenciadas com características qualitativas devido a presença de brasileiros circulando nestas cidades e tendo trocas culturais com a população local. Entre aqueles com maior poder aquisitivo, estão proprietários de terras voltados para o cultivo da monocultura da soja que adentravam a estas regiões desde a década de 1950. A presença destes brasileiros em território

¹⁷ Maria Cleuza, 73 anos, nacionalidade brasileira e residente em Salto del Guairá e em Mundo Novo. Fala da entrevistada traduzida em alguns momentos durante a transcrição da gravação, pois alguns termos eram utilizados em espanhol. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá pela autora em conjunto à Eric G. Cardin. Maria Cleuza pode ter se sentido a vontade para fazer tais referências, por ter sido entrevistada por uma pessoas de nacionalidade brasileira.

paraguaio, combinada ao momento econômico e ao projeto de desenvolvimento do país, proporcionou mudanças a estas regiões que vão desde a expropriação do camponês e indígenas de suas terras à costumes vividos por esta população.¹⁸ Para além disso, o comércio de madeiras e de mercadorias importadas também mobilizou muitos brasileiros para estas regiões de fronteira. Logo, os "*da classe média pra cima*", citados pela entrevistada, compõe parte desta população que se articulou e/ou se beneficiou de um tipo de projeto econômico para o país.

Mesmo vivendo no Paraguai desde a década de 1960, para Maria Cleuza, o outro não é o estrangeiro brasileiro, grupo ao qual ela se enquadraria. Ela já identificou o outro como os "*árabes*", responsáveis pela expansão comercial. Neste momento da entrevista, identifica dentro do Paraguai como o outro, a própria população nacional de baixo poder aquisitivo que migra de outras regiões do país em busca de sobrevivência e/ou melhores condições de vida. A referência a esta população como "*pé de chinelo, os cuyarê, do pé sujo*" utilizada tanto no português, quanto no espanhol, indica como paraguaios de Salto del Guairá também estabelecem uma relação diferenciada com estes migrantes. Assim, a identidade assumida pela entrevistada neste momento, aproxima-se mais a uma identificação com uma classe social a que com a nacionalidade.

Em meio aos conflitos de classes, a diferença de nacionalidade é um recurso de distinção com relação ao outro, recuperada neste momento, também para expressar a disputa pelo mercado de vendas nesta fronteira. Da mesma forma, recorre-se a diferenciação entre "nós" e os "outros" quando a constituição da cidade difere das expectativas criadas por parte do empresariado local.

Com a ampliação do turismo comercial em Salto del Guairá, emergiram conflitos em torno das diversidades culturais e das diferenças de comportamento entre os proprietários de lojas com relação ao lugar. Estes conflitos também foram expressos pelos trabalhadores, ao lidarem com isto no cotidiano de trabalho. Morena descreveu como ela percebe estas diferenças:

Eles são muito católicos, lá tem muito católico, são fervorosos, são bem mais firmes que no Brasil. Eles são de guardar dia de santo, de ir na missa todo domingo, são muito católicos, porque eles guardam mesmo. Que nem na sexta-feira santa, os donos de loja que são paraguaios mesmo, na quinta-feira da véspera, depois do meio-dia, eles já param de trabalhar. Eles seguem

¹⁸ Sobre isto conferir: ALBUQUERQUE, José L. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.

certinho, eles são bem mais religioso do que a gente que é católico aqui no Brasil, bem mais. Os brasileiros não fecham as lojas nos feriados de dia santo, só que quando a prefeitura dá ordem de fechar aí as lojas que ficam abertas ganham multa. Mas os brasileiros teimoso e os árabe, ficam lá, pagam a multa, mas continuam aberto. Os paraguaio não, eles fecham a loja, eles não tem assim, essa ganância, porque assim brasileiro e árabe vão lá e são muito ganancioso, se fala assim, ah, assim, tem que fechar dia de sábado porque é algum dia de religião. Ah, Deus o livre, é uma guerra dos brasileiro e dos árabe contra os paraguaio. Eles fazem um pizero, vão na prefeitura, fazem de tudo pra não fechar. Agora, se você falar pros paraguaio, na hora eles vão aceitar, eles topam, eles fecham. Não tem essa ganância, de falar que não, que precisam abrir porque amanhã vai dar bastante gente e eles têm que vender. Tem uma visão diferente. Agora, aqui no Brasil, brasileiro fecha, agora vão lá os brasileiro e os árabe e ficam brigando, brigando até ficar aberto.¹⁹

Quando Morena recorre a expressão "*guerra*" quando se referencia a disputa pelo mercado entre proprietários de lojas. Como trabalhadora estrangeira ocupada em Salto del Guairá, ela se sente atacada de ambos os lados neste conflito. As práticas dos empresários brasileiros, respinga diretamente nas relações de convívio entre vendedores brasileiros com os trabalhadores nacionais. Por isso, trabalhar em dias santos, é viver o constrangimento causado pelo rompimento de um costume com a qual Morena possui identificação com seus pares de nacionalidade diferente da sua.

"*Ganância*", é um dos termo sacados por Morena ao comparar a diferença de comportamento dos empresários estrangeiros perante os nacionais. Ao dizer que estes últimos "*tem uma visão diferente*", a entrevistada chama atenção para refletir como a relação deles com o lugar de vida, pauta-se também em outros horizontes, para além da acumulação proporcionada pelo mercado de importados na fronteira. Ainda, a descrição sobre a contradição do comportamento do empresário brasileiro (que aderem ao calendário dos dias santos em seu país, mas não em outro), leva a refletir como a relação destes últimos com a cidade Salto del Guairá difere dos nacionais. Ter empresa neste lugar, não significa necessariamente internalizar ou lidar com a cultura local ao ponto de seguir seus costumes, mesmo, quando há proximidades com sua cultura.

Para além disso, quando proprietários de lojas estrangeiros descumprem o calendário acordado entre a parcela dos empresários da cidade organizados em associação comercial e o poder público municipal, evidenciam que não há um projeto coeso entre todos os proprietários de lojas. As próprias multas evidenciam uma tentativa de controle que não consegue ter efeito,

¹⁹ Morena, 22 anos, nacionalidade brasileira e residente em Guaíra. Entrevista gravada em maio de 2012.

já que os lucros obtidos em dia de feriado católico brasileiro que coincide com feriado católico paraguaio, podem compensar estes valores. Estes empresários possuem uma relação com a cidade que diferencia-se do pretendido inicialmente por uma parte do empresariado local quando incentivou a vinda de "investidores".

A abertura do mercado paraguaio para a entrada de mercadorias importadas oriundas de outros países com a baixa cobrança de impostos, significou, entre outros motivos, um processo de mudança marcantes em algumas cidades fronteiriças com o Brasil. Estas mudanças estiveram presentes desde a alteração da percepção que as pessoas tinham sobre a cidade até mesmo a forma de lidar com seus costumes.

No caso de Salto del Guairá, contribui para estas mudanças a articulação de todo um empresariado nacional e estrangeiro em aproveitar alguns fatores econômicos, políticos e sociais no final da década de 1990. Entre eles, o aumento da fiscalização por parte do Brasil na Receita Federal de Foz do Iguaçu e toda a infra-estrutura financiada pelo Estado brasileiro com a construção da Ponte Ayrton Senna, para promover maior agilidade no transporte de soja, milho e gado entre o Estado do Mato Grosso do Sul e do Paraná. Ainda, o rápido crescimento do mercado de comercialização de produtos importados em Ciudad del Este e, conseqüentemente a concorrência e a evidenciação das desigualdades sociais tiveram algum peso na visualização de Salto del Guairá como um lugar para investidores que já possuíam trajetórias neste mercado. Após o marco de formação do Lago de Itaipu combinada a abertura econômica do Paraguai, o poder público municipal de Salto del Guairá, assim como o de Ciudad del Este, já incentivavam um projeto de turismo comercial para suas cidades. A atuação destes agentes combinada as facilidades de circulação de entrada e saída de moeda e mercadorias do país, também teve papel para atrair estes investidores.

2. Migrações e trabalhadores na fronteira:

Ainda, no final da década de 1990 o poder público municipal de Salto del Guairá, recuperava as perspectivas atribuídas ao projeto de crescimento econômico para a cidade, quando denunciava a presença de trabalhadores brasileiros não regulamentados:

Ilegales costará caro a los comerciantes. Comuna exigirá legalización de empleados brasileños.

La municipalidad de esta capital departamental clausurará los comercios que no cumplan con el código laboral vigente en nuestro país, principalmente, en lo relativo a contratación de extranjeros. Tampoco serán habilitados negocios

cuyos funcionarios no residan legalmente en el municipio. El objetivo es frenar la invasión de mano de obra extranjera.²⁰

Quando o poder público municipal recorreu a ameaça de que "[...] *tampoco serán habilitados negocios cuyos funcionarios no residan legalmente en el municipio.*[...]", ele indicou a necessidade de tomar medidas punitivas para tentar manter suas perspectivas sobre a cidade pretendida por eles. Apenas uma parcela do empresariado parece concordar com esta expectativa, já que o anúncio de punição é dirigido a todos empresários da cidade. Para além disso, cabe enfatizar que a ação do poder público também foi pressionada por trabalhadores nacionais que não conseguiram vagas neste mercado de trabalho. Assim, em conjunto a esta disputa, acentuaram-se as referências a nacionalidade para distinguir as pessoas com direito ou não de desfrutar deste projeto.

O projeto pretendido pela cidade, não foi e nem é homogêneo entre a classe dominante local. Entre os empresários locais de Salto del Guairá que se consolidaram entre 1970 e 1990, muitos deles apresentaram nas entrevistas interesses divergentes desta perspectiva defendida pelo poder público municipal. Entre eles, a discordância sobre o perfil de força de trabalho a ser contratada.

A contratação de estrangeiros em Salto del Guairá no final da década de 1990, articulou-se a necessidade do perfil de uma força de trabalho que condissesse com a expectativa de vendas ao público consumidor pretendido. Entre outros motivos, tornava-se mais atrativo economicamente a contratação destes trabalhadores a que investimentos para qualificação da força de trabalho local e nacional. Assim, alguns empresários argumentaram que recorreram aos "*empleados brasileños*":

Aqui na loja mesmo é mais paraguaio que brasileiro, já teve mais brasileiros. É que agora, tem mais opção de dentro, dos jovens que vem pra, aqui na cidade já tem umas três universidades, e pra estudar, sustentam o estudo com o trabalho, mas até pouco tempo atrás a oferta de mão de obra era mais de gente do Brasil. Era visível funcionários pegavam carona de Guaíra e de Mundo Novo. Para mim era indiferente, de onde vinha. A minha mulher é brasileira e os meus filhos são meio a meio, estudam no Brasil. Mas em geral aqui, num há, principalmente com Guaíra os laços assim, tem bastante com gente de Guaíra e Mundo Novo. Num se percebe assim uma discriminação. Tanto porque aqui quase todos os colonos da soja, são brasileiros. Só que aqui dentro é normal.²¹

²⁰ DUARTE, Rosendo. O Paranazão, 13 de novembro de 1997.

²¹ Edu, 50 anos, nacionalidade paraguaia, residente em Salto del Guairá e proprietário de loja. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá pela autora em conjunto à Eric G. Cardin. Fala do entrevistado traduzida durante a transcrição da gravação.

Ao dizer "*era indiferente, de onde vinha*", o interesse era em ter uma força de trabalho de baixo custo e sem necessidade de maiores investimentos em qualificá-la. Não trata-se de dizer que não haviam trabalhadores procurando envolver-se neste mercado de trabalho, mas de terem no outro lado da fronteira uma oferta abundante de força de trabalho dentro do perfil pretendido.

Na entrevista com o empresário, a vinda das universidades a cidade são colocadas como marco para presença de trabalhadores com um perfil diferenciado daqueles da década de 1990. Estes últimos, em alguns casos, eram oriundos de ocupações no campo ou com outros tipos de trajetórias ocupacionais na cidade, por exemplo, mulheres envolvidas no trabalho doméstico, com baixa escolaridade e com dificuldades no idioma português. Esta parcela, possuía um tipo de qualificação e perfil diferente do pretendido para o trabalho nas vendas em lojas de importados.

Contudo, cabe ressaltar como a experiência de vida deste entrevistado também influencia na forma como ele interpreta esta diferença de nacionalidade. Edu, além de ser casado com uma brasileira, também teve parte de sua trajetória de vida no Brasil. Filho de uma família abastada, teve uma formação e um círculo de relacionamentos diferente da maioria da população de Salto del Guairá. Parte de sua escolarização no Brasil, foi cursando ensino superior na USP na década de 1980.

Diferente da perspectiva deste empresário, outra parcela do empresariado local de Salto del Guairá buscou enfatizar a relevância da nacionalidade do trabalhador na hora da contratação. Dalva falou sobre isto:

Eu comecei a trabalhar com 19 anos, já com meu negócio. Por isso que está há 32 anos, era pequeno, como todo mundo começa pequeno. Já tinha funcionários paraguaios, sempre trabalhei com paraguaios. Nunca brasileiros [...] porque eles querem fazer normas no trabalho, e você não pode viver no país de outro e dizer que não vão fazer isto, que não sabem isto. O brasileiro se querem achar. São deseducado, eles não se colocam no lugar. [...] Quando comecei era eu, dois funcionários e marido.[...] Hoje já tenho 7 funcionários, já chegou a ter 20, quando o real tava bem, em 2008.²²

Quando a entrevistada destaca a diferença de perfil entre os trabalhadores mobilizados em Salto del Guairá, não ampara-se somente na nacionalidade e nem fala sobre a qualificação dos mesmos. Ela recorre ao comportamento deles em meio a relação de exploração da força

²² Dalva, 56 anos, nacionalidade paraguaia, residente em Salto del Guairá e proprietária de loja. Entrevista gravada em outubro de 2013, realizada em Salto del Guairá. A transcrição foi feita em português devido a dificuldade da pesquisadora no domínio da língua.

de trabalho. Sua fala evidencia o estranhamento do trabalhador estrangeiro às leis e acordos trabalhistas formais e informais estabelecidos neste mercado de trabalho em Salto del Guairá. Estes brasileiros já trazem consigo uma trajetória ocupacional e/ou de vida com relações de trabalho diferentes das vividas neste lugar. O termo "*não colocarem-se no lugar*" para referir-se ao perfil do trabalhador brasileiro, expressa a não aceitação deste vendedor à muitos acordos informais de trabalho, onde são estabelecidas condições que extrapolam até mesmo a própria legislação paraguaia.

Em meio a esta diferenciação entre a força de trabalho nacional e estrangeira, a prioridade na contratação da força de trabalho nacional por parte de Dalva, acaba indo em encontro com a perspectiva de desenvolvimento econômico pensado para a cidade por parte do poder público municipal e afirmado nos meios de comunicação locais. Entretanto, a relação estabelecida entre estes moradores e empresários de Salto del Guairá com a identidade nacional, também é recuperada para expressarem como eles se percebem nas relações cotidianas com o outro.

A vendedora Morena enfatizou as dificuldades percebidas ao diferenciar a relação com os vizinhos de lojas de acordo com a nacionalidade deles. Embora longa, sua descrição é expressiva para entender parte destas relações:

[...] Porque eles não ajudam, não ajudam mesmo. Um dia me roubaram lá, aí quando eu percebi, que eu me dei conta, eu sai pra fora pra falar com o meu vizinho, que aquele pessoal que tinha ido lá, que eles tinham me roubado que e eu estava sozinha. Eu falei com ele, e ele fingiu que nem era com ele. E lá no Shopping América quando aconteceu isso, que a moça roubou uma bolsa, e eu sai pra fora falando que a moça tinha roubado, os brasileiros, todo mundo correu atrás da moça pra pegar a bolsa de volta. E ali não, eles agiram assim. Se fosse na loja deles ou de algum deles, eles corriam atrás, já vi isso, agora como era na minha loja que era brasileiro, então eles não precisavam ir atrás.[...] ²³

A entrevistada trabalhou em lugares com um perfil de proprietários de lojas e consumidores distintos. As inúmeras pequenas lojas na Avenida Paraguay e suas ruas próximas possuem proprietários de diferentes nacionalidade como, brasileiros, libaneses e chineses. Entretanto, são os lugares onde há maior concentração de proprietários e trabalhadores de nacionalidade paraguaia. Já os shoppings citados na entrevista, são dos chamados "investidores estrangeiros", sendo ocupado a maioria por proprietários de lojas

²³ Morena, 22 anos, nacionalidade brasileira e residente em Guaíra. Entrevista gravada em maio de 2012. No período da entrevista a trabalhadora havia parado de trabalhar no Paraguai por volta de 4 meses. Já estava trabalhando em um Pet Shop em Guaíra e pode me receber em sua casa em um feriado.

brasileiros e libaneses. A concorrência entre proprietários de lojas de nacionalidade paraguaia e empresários imigrantes, que se ocupam destas brechas do capitalismo na fronteira, abrindo comércio onde há possibilidade de lucros, tem impacto direto sobre seus vendedores.

Quando Morena recorre ao termo "*traíçoeiros*", ela não nega que há amizade entre os vendedores de nacionalidade paraguaia. Mas que, dependendo do que se compartilha, esta relação de amizade, pode ser distanciada. A descrição de Morena recupera situações onde o bom convívio entre paraguaios e brasileiros não é negado. Porém, este convívio possui limites. A solidariedade não é necessariamente algo a ser constantemente compartilhado com estrangeiros que disputam sua sobrevivência no mercado de importados na fronteira. Há códigos de conduta e comportamentos entre estes trabalhadores que não são estendidos a outros trabalhadores de nacionalidade diferente da sua. A troca cultural e o convívio entre estes vendedores possuem especificidades e limitações que servem para amparar o reconhecimento entre os seus pares nacionais e de mesma ocupação. Estes limites são recorridos para a própria afirmação da identidade destes trabalhadores, tanto paraguaios, quanto brasileiros.

Ainda, o ressentimento vivido pela população trabalhadora local de nacionalidade paraguaia, que lida com a concorrência de imigrantes trabalhadores, muitas vezes é expressa na diferenciação e distanciamento com o outro quando percebem-se em desigual relação. Os vendedores de lojas estão na ponta deste processo de acumulação capitalista, lidando com conflitos e pressões geradas por esse processo na fronteira.

Em 29 de maio de 1998, o jornal O Paranazão, trouxe uma matéria afirmando:

Rapai que quiere trabajar aquí, tiene que vivir aquí. Ley contra empleados brasileños ya está vigente.

La municipalidad empezó a implementar la Ordenanza 082/97 que prohíbe la contratación de brasileños ilegales como empleados en el comercio. La ley que busca proteger la mano de obra local establece fuerte multas a los propietarios de negocios que infrinjan dicha disposición comunal. [...] Sin embargo, fueran detectado casos en que el Juez ha firmado certificados de residencia a brasileños que no residen aquí. [...]²⁴

A lei municipal criada para fiscalização de brasileiros envolvidos no comércio, trouxe a iniciativa do poder público municipal em tentar defender parte dos interesses de desenvolvimento econômico com o projeto de turismo comercial pensado para Salto del

²⁴ Com a pesquisa ao jornal Rio Paranazão, observamos que a imprensa de Salto del Guairá vem veiculando denúncias sobre a presença de trabalhadores estrangeiros não regulamentados em Salto del Guairá tanto nos períodos marcados pela redução de empregos no comércio quanto em momentos em que há aumento da contratação de vendedores. No jornal O Paranazão, em 16 de outubro de 1998, temos as manchetes "Brasiguayos fueran desalojados por orden judicial en Grasoly." (autor: DUARTE, Rosendo). Também dia 30 de outubro de 1998, "Brasiguaios desalojados no Paraguai" e "Famílias temem novas agressões."

Guairá. O autor da matéria, quando posicionou-se com relação ao trabalhador não regulamentado, não recorreu apenas a nacionalidade, mas também estabeleceu um limite de pertencimento a comunidade para diferenciar o sujeito com direito de ocupar vagas no mercado de trabalho local. Já as denúncias de irregularidade no processo de regulamentação dos vendedores indicou o interesse dos trabalhadores locais de Salto del Guairá em exigir do poder público maior controle sobre isto.

A presença de trabalhadores brasileiros não regulamentados em Salto del Guairá e a existência de paraguaios nas mesmas condições nas cidades de Guaíra ou Mundo Novo, não é um aspecto novo nesta fronteira. A circulação destes trabalhadores entre os países não tem fixado-se nas demarcações legais de fronteira, mas, entre outros, na busca por sobrevivência e/ou na tentativa de melhores condição de vida que as diferenças econômicas e políticas entre estes países podem oferecer.

Contudo, esta busca está atrelada com os vínculos estabelecidos com outros sujeitos. Por exemplo, o apoio de familiares e amigos para ingressar no mercado de trabalho ou mesmo para manter-se no lugar até alcançar alguma confiança. Na entrevista com uma família paraguaia vindos para Guaíra, identificamos a importância destas relações para o deslocamento. Brito, 29 anos, natural de Indaguaçu-PY e Ado, 19 anos, descreveram a migração da família entre cidades do Leste do Paraguai quando trabalhavam em serrarias:

Ado: Um amigo meu paraguaio que também veio gerentia ali, aí também estava precisando aí eu vim de lá, eu conhecia ele de lá, na San Blass, mas o patrão daqui foi atrás dele e de lá nós viemos tudo junto. De Paraguai veio só dois. [...] Acho que eu trabalhei lá uns nove anos.[...]

[...]Aquele um que trouxe ele é de lá do Paraguai também, só que ele voltou pro Paraguai de novo e deixou nós abandonado aqui.

[...] Ele voltou porque num conseguiu ficar aqui. [...] Pela rotina dele, a mulher dele não queria vir pra cá, tinha casa lá. [...] Aqui o emprego é mais melhor, os horários, as coisas são mais baratas. [...] Melhorou pra bem mais melhor do que tava. [...]

[...] Brito: Ah, todo mundo que eu trabalhava tem vontade de vim pra cá, aqueles que trabaiava comigo, tudo queria vir, mas que nem eu vim aqui, eu sei como que é aqui. Eu já expliquei que lá num tem vaga assim, que nem a gente já vem se tem que nem assim um serviço. E muitos num tem documento. [...] Aqui nós, a maioria fala português, isso facilita mais. Agora os paraguaios já não. [...] Eu não me considero Paraguai, me considero brasileiro [...]²⁵

²⁵ Brito e Ado, nacionalidades paraguaia e residentes em Salto del Guairá. Fala dos entrevistados traduzidas em alguns momentos durante a transcrição da gravação, pois alguns termos eram utilizados em espanhol. A entrevista ainda não foi plenamente transcrita e ela envolveu a presença da mãe e de mais um irmão dos entrevistados. Entrevista gravada em maio de 2015, realizada em Guaíra-PR por Eric G. Cardin em conjunto a autora.

Entre as condições de vida experimentadas no Paraguai pelos irmãos Brito e Ado, esteve presente as constantes migrações entre cidades em busca de sobrevivência com o trabalho em serrarias. Suas trajetórias ocupacionais são marcadas desde a adolescência neste ambiente de trabalho, vivendo jornadas de 12 horas de trabalho diárias, baixos salários e nenhum registro em carteira. Quando estes entrevistados afirmam sua identidade como brasileiros, eles recorrem a isto pensando na necessidade de continuarem vivendo em um país que, para eles, trouxe expectativas de organização de suas vidas com melhores condições de trabalho que as experimentadas anteriormente.

Gustavo e Fábio, nasceram e viveram até pouco tempo no Paraguai. São filhos de trabalhadores rurais. Tendo a mãe de nacionalidade brasileira e o pai paraguaio, aprenderam os três idiomas. Embora a imigração da família tenha sido condicionada pela necessidade econômica, ela também foi pensada levando em considerações outros motivos. Um deles, é a possibilidade de vagas de trabalho pelas redes de relacionamentos pessoais. Outro é a destreza com o idioma e a maior facilidade na regulamentação da sua documentação.

Quando Gustavo e Fábio narram experiências de seus pares onde houve o retorno ao seu país de origem após a tentativa de imigração, ressalta motivos pessoais e culturais. Estes motivos, levam a perceber como as diferenças nos costumes, as dificuldades de distanciamento dos familiares que ficaram, também possuem relevância na permanência ou não para o país de migração. Não trata-se para muitos apenas da importância pela sobrevivência pelo trabalho ou melhoras econômicas nas condições de vida, mas também a avaliação subjetiva dos sentidos que a migração movida pelo trabalho possuem em suas trajetórias de vidas.

Diferente da situação de imigração tentada pela família de Gustavo, não é uma prática comum dos vendedores brasileiros de lojas ou ambulantes mudarem-se para Salto del Guairá. Muitos destes, já possuem seus círculos de relacionamento, família e moradia em uma destas duas cidades brasileiras fronteiriças. A não imigração permanente por parte dos vendedores brasileiros, também ocorre pela comparação entre as estruturas na saúde, educação e no custo de vida entre as cidades. Mesmo objetivando uma "migração pendular", o uso da rede de relacionamentos, também é importante para os vendedores brasileiros envolverem-se no mercado de trabalho em Salto del Guairá.

As desigualdades sociais motivadas pelo crescimento comercial, por exemplo, o aumento do custo de vida, a supervalorização dos imóveis e a piora dos serviços de distribuição de água e energia tiveram impacto direto sobre a vida de uma parcela da

população local excluída deste crescimento. Algumas famílias, reorganizaram-se para manter parte de seus membros no trabalho na rua, como o caso da presença de mulheres e crianças vendendo meias, batatas e erva mate para tererê para completar a renda familiar ou ter nisso sua principal fonte de renda.

Bibliografia:

ALBUQUERQUE, José L. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2005.